

**FAZENDA.**

Unidade feminina em Guará, onde está Alexandra; ao lado, Osmir Pereira, 47 anos, se recupera trabalhando



Xandu Alves/OVALE



Xandu Alves/OVALE

Três dias longe da família, sem comer ou tomar banho, Tiago se jogou dentro de uma caçamba de lixo para fugir.

Mateus gastou todo o dinheiro da ceia de Natal e do presente da filha e sumiu por duas semanas. Sentiu vergonha ao voltar.

Ameaçada de perder a guarda do filho pequeno e o emprego de funcionária pública, Alexandra passou 10 anos vagando pelas ruas buscando a ilusão.

Osmir desmaiava e dormia em cima do balcão do próprio negócio, sem qualquer consciência de si mesmo.

Flertou a morte.

Os dramas acima são de pessoas diferentes, mas com uma paridade: relatos de dependentes químicos em recuperação no Vale do Paraíba.

Envolveram-se com alguma droga e destruíram a vida, cada um à sua maneira. Conheceram o fundo do poço e correram risco de nunca sair de lá. Hoje, enfrentam o desafio da sobriedade. Em quais recursos se apegam para superar o vício? O que é mais importante: a ciência ou a fé? São dimensões opostas? Complementares? Há confrontos?

**Documento OVALE** mergulhou na rotina de comunidades terapêuticas, acolhidos, médicos e religiosos para descobrir que papel a ciência e a fé exercem na recuperação.

**DRAMA** HOMENS E MULHERES BUSCAM A REDENÇÃO EM FAZENDA DO VALE

# FUI DO FUNDO DO POÇO PARA A ESPERANÇA

Conheça a história de dependentes químicos que foram ao inferno do vício e voltaram à vida com a ajuda da fé e da ciência. “Aqui, vi que Deus me ama”, diz Tiago, 29 anos



Xandu Alves/OVALE

**LIXO.**

Aos 29 anos, Tiago Reis chegou ao fundo do poço dentro de uma caçamba de lixo, em São Paulo, em 2018. Escondia-se da mulher e de amigos que o procuravam há três dias. Sem banho ou comida, vivia de drogas. “Minha esposa chorava muito, e eu já debilitado, não queria sair”.

A droga entrou cedo na vida de Tiago, que é de Potim. Na adolescência, seduziu-se pela criminalidade e foi preso aos 19. “Não vi meu filho nascer, não participei da criação”.

Tentando mudar de vida, casou-se e foi para São Paulo, mas as drogas voltaram. “Tratava e comecei a usar cocaína todo dia. Graças a Deus não conheci o crack”.

O episódio do lixo foi o fundo do poço. Depois dele, o irmão falou da Fazenda da Esperança, para onde Tiago veio em dezembro de 2018. “Chegando aqui, brigava com todos. Não conseguia entender o propósito da fazenda”.

A mudança veio quando entendeu que deveria aceitar os gestos de amor dos outros e fazer os próprios. “Não conseguia entender um homem falando que me amava. Não tinha muita fé. Mas aprendi a sair de mim mesmo, a viver pelo outro. Aqui, vi que Deus me ama e tem um propósito para mim”.

**Dependência.**

Mateus Petrucelli, de Pinda, na Fazenda da Esperança em Guará: “Entrei em depressão e achava que a cura estava nas drogas. Afastei a minha família de mim”

**TRATAMENTO**

## ‘Ciência percebeu algo de interessante na espiritualidade’, declara psicóloga

**CONJUNTO.** Especialista em dependência química, a psicóloga Patricia Minari explica que o tratamento para deixar as drogas requer um conjunto de ações. Bom diagnóstico e avaliação clínica, interrupção do consumo, escolha do serviço mais adequado ao paciente (Caps, ambulatório ou comunidade terapêutica), presença da família, tratamento correto (medicamentoso, se necessá-

rios) e a espiritualidade. “São coisas que ajudam muito, como a pessoa ter uma rede de apoio ao redor dela. A espiritualidade é uma grande motivadora”. Patricia admite que já houve “muito conflito” entre ciência e fé, mas ambas têm se aproximado. “Tem que ver a diversidade do ser humano. Não sabe qual é a chave que vai virar [para deixar o vício]. A espiritualidade tem sido essa chave para muitos”.

**14**

**COMUNIDADES terapêuticas no Vale do Paraíba têm convênio com o governo federal, com 522 vagas contratadas**

**7,3**

**MILHÕES de reais é o valor investido pelo governo federal nas comunidades terapêuticas do Vale do Paraíba**

**CIÊNCIA**

## Psiquiatra defende tratamento médico e psiquiátrico, porém diz que fé pode ajudar

**MEDICINA.** O tratamento da dependência começa com avaliação médica, conforme regulamentação. Investigam-se coração, rins, fígado, moléstias infecciosas, doenças psiquiátricas associadas e também aspectos sociais, ambientais e familiares, entre outros. “Objetivo é estabelecer um marco de início de uma fase de vida com perspectivas renovadas”, diz a psiquiatra Márcia Gonçal-

ves, professora e coordenadora de Psiquiatria, Psicopatologia e Psicologia Médica da Unita (Universidade de Taubaté). Defensora da “avaliação psiquiátrica antes e acompanhamento médico durante e após a abstinência inicial”, a especialista reconhece o papel da fé ao lado da ciência, cada uma no seu papel e com objetivo de “reestruturar a vida da pessoa acorrentada às drogas”.